

ÀS MAIS VELHAS

Ana Clara Damásio¹

Iyaromi Ahualli / Mais Velha²

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i2.15261>

Esse texto tem a intenção de fazer uma breve reflexão acerca do envelhecimento, da velhice ou do velho, enquanto categorias complexificadas a partir da minha vivência enquanto Iaô e enquanto estudante de antropologia. Por um lado eu poderia optar em trazer todas as teorias acerca do envelhecimento ocidentalmente construídas e me resguardar teoricamente com as mesmas nesse texto, é isso que constantemente a academia nos ensina a executar. Só que hoje, nesse texto, me resguardo teoricamente com minha Mais Velha com a teoria e epistemologia da oralidade da sua fala e dos seus conhecimentos. Então, organizo este texto inicialmente com sua fala em uma entrevista, em seguida faço uma breve reflexão acerca do envelhecimento e por último o epílogo (esse, nunca conclusivo).

Entrevista

Ana Clara: O que é ser uma “mais velha” no candomblé?

Iyaromi: Então, quando você é a Mais Velha no candomblé, pressupõe várias coisas. A primeira, é que pressupõe que existe alguém Mais Novo que você. Então para você ser a Mais Velha tem que ter alguém mais novo. Nós somos categorizados enquanto Mais Velhos e Mais Novos, pela idade. Inclusive da idade entre os mais próximos em questões de meses e dias. Mas a idade é contada basicamente por aquele que passou por ritos primeiro. Ganhou direitos primeiro, ganhou o conhecimento primeiro. Logo, ser uma Mais Velha é ter conhecimento, receber certos direitos, obrigações e passar isso para o Mais Novo. Ser uma Mais Velha diz respeito a você ter a obrigação, não só ritualística, mas num sentido bem amplo, ter a obrigação de não deixar com que os conhecimentos, com que a tradição não morra. Porque quando você é o Mais Velho de alguém, significa

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás – UFG.

² Antropóloga formada pela Universidade de Brasília – UnB. Graduada em Direito pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

que tem alguém Mais Novo e a obrigação do Mais Velho é passar conhecimento para os Mais Novos. É ter cuidado. Energeticamente falando, nós somos responsáveis por apanhar primeiro, por sustentar a demanda para proteger os nossos Mais Novos. E passar conhecimento também é uma forma de proteção, porque é uma forma de resistência. O candomblé é uma religião de oralidade. Então o Mais Velho, ele tem obrigação energética de proteger, mas ele também tem essa função social e comunitária de proteger a própria tradição e não deixar que ela morra à medida de que a sua função é ensinar os mais novos.

Ana Clara: O que é ser Mais Nova no candomblé?

Iyaromi: Ser uma Mais Nova no candomblé é ser a continuidade. Porque a lógica é você acumular conhecimento para passar para o seu Mais Novo e assim não deixar que sua ancestralidade morra. E tendo em vista que tudo que você tem no candomblé é ganhado, é um Mais Velho que te deu. Então ser uma Mais Nova é se dispor a aprender, a sentir, a estar ali da melhor maneira possível, para que você aprenda as coisas da melhor maneira possível, para que você possa ensinar aos seus Mais Novos da sua melhor maneira possível e possa perpetuar toda essa estrutura. A obrigação do Mais Novo é aprender para, quando ele for Mais Velho, assumir as outras obrigações.

Ana Clara: Qual o significado da velhice e do envelhecimento no candomblé?

Iyaromi: Acho que não tem como falar de envelhecimento e velhice sem falar de ancestralidade. Tem a questão de que enquanto zeladores e enquanto filhos de santo, zeladores do nosso axé são todos filhos de santo que têm a responsabilidade de zelar pela sua casa. Você está zelando por uma história, você está zelando por um passado, você está zelando pela sua ancestralidade. Ancestralidade então é o respeito aos que vieram primeiro, é um respeito àqueles que passaram conhecimento, respeito àqueles que nos deram direitos, nos deram obrigações. Ancestralidade são os caminhos que fizeram com que nós hoje, presente, chegássemos até aqui. E ele tem a obrigação de perpetuar aquela linhagem. Tendo em vista isso, o papel do Mais Velho, do velho, ele é a representatividade do fundamento. Porque o fundamento é oral e o Mais Velho é o guardião do fundamento. Ele é um guardião da oralidade. Ele é o responsável por passar e por permanecer.

Ana Clara: O que é ancestralidade?

Iyaromi: Ancestralidade é a raiz. Nós enquanto tronco, nós enquanto galhos, nós enquanto folhas e os mais novos como a outra composição, a gente tem que respeitar a raiz. Porque sem a raiz, sem os Mais Velhos, sem aqueles que vão nos passar os nutrientes, o conhecimento, a gente morre, a gente não é nada. Porque a gente não é enraizado sem um

Mais Velho, sem um ancestral. A gente só é enraizado porque tem um Mais Velho. A gente só é enraizado porque a nossa tradição é um conhecimento antigo e os antigos são as raízes. E sem eles, a gente não tem conhecimento. Porque em culto a ancestralidade não tem como você inventar o fundamento. A energia, ela vai se materializar na incorporação, ela vai se materializar nos fundamentos, através de um conhecimento e esse conhecimento é passado oralmente. E sem os Mais Velhos, sem as raízes para nutrir os galhos, as folhas, plantas, para nutrir o tronco, sem os Mais Velhos para nos ensinar, para passar os nossos direitos... Porque também não adianta ter ensinamento se você não recebeu o direito de usar o que você sabe, se você não recebeu o fundamento, não adianta você saber. Então os Mais Velhos são esses gatilhos. Eles que nos passam nossos direitos de pôr em prática o que sabemos.

Reflexões

A academia enquanto produtora de conhecimento também é responsável pela forma como os diversos tipos de epistemologias que são produzidos nela/por ela irão criar tipos ideais de retratar o mundo. Muito se discute sobre "o processo do envelhecimento", mas as palavras fazem coisas no mundo, sendo assim, que tipos de envelhecimentos a antropologia vem produzindo/criando/retratando através das suas pesquisas? Onde os "velhos-idosos da terceira idade" estão presos teoricamente? Parece obtuso lembrar, mas o envelhecimento é um processo ligado a todas as etapas de existência, do nascimento à morte, mas constantemente delegamos o envelhecimento a grupos etários com mais de 60 anos.

Reiteradamente pesquisamos esses mesmos grupos e, portanto, criamos também discursos (monografias, dissertações, teses, artigos, palestras) a partir dessas pessoas com mais de 60 anos. Relegamos então as pesquisas sobre o envelhecimento a "terceira idade", a "idoso", a "velhos" e corroboramos que o envelhecimento só ocorre ali e não como um processo de curso de vida. Essas categorias precisam ser estranhadas, no sentido de desenhar e criar novas fôrmas sobre a forma de envelhecer. Quando falamos em envelhecimentos "diferentes" dos ocidentais, geralmente utilizamos contextos europeus, como se apenas esses pudessem apresentar representações diferentes das nossas sobre o envelhecimento, mas também nas nossas redondezas temos diferentes teorias sobre o que é ser "mais velho". Falo então de uma "Teoria da Mais Velha".

Quando comecei a frequentar minha Casa de Candomblé, já estudava a construção do envelhecimento nas sociedades contemporâneas. Eis que me deparo com um aglomerado de pessoas se referindo umas às outras como "minha mais velha", "minha mais nova". Minha primeira tentativa foi dar ordem à forma como essas pessoas eram classificadas, já que via pessoas cronologicamente "mais velhas" se referindo a pessoas cronologicamente "mais novas", como "mais velhas". Não era então a idade cronológica que era usada como classificação. Era uma outra coisa.

Ainda como *abiã*³ e frequentando aquele contexto, eis que descubro que o que demarcava a classificação entre aquelas pessoas "mais velhas" e "mais novas" era contextualmente a "idade de santo". A "idade de santo" era então dada pelo momento em que a pessoa era "iniciada no Candomblé". Essa é uma operação não apenas contextual de uma casa, mas um consenso dentro do que podemos denominar de Nações do Candomblé. É no momento da "iniciação" que sua "idade de santo" começa a ser contada, independentemente da sua idade cronológica.

É então que "oficialmente" você passa a fazer parte daquela "família de axé". Dessa forma, uma criança "iniciada" aos cinco anos de idade e uma senhora de 70 anos que nunca "fez o santo" possuem idades ritualísticas diferentes. Sendo a criança de cinco anos a irmã "mais velha" da senhora de 70 anos, essa última é então a irmã "mais nova" da criança. Temos um *lócus* representacional, de parentesco, geracional, cosmológico, etc. que não corresponde aos tradicionalmente estabelecidos teoricamente ocidentalmente dentro dos estudos antropológicos sobre envelhecimento. Além disso, não são categorias que ocorrem *além-mar*, são categorias de envelhecimento que estão no nosso quintal de casa e que ignoramos nos estudos sobre envelhecimento.

Quando falamos então de uma Antropologia do Envelhecimento ou de Curso de Vida, e colocamos em contraposição a "Teoria da Mais Velha", vemos que os povos de fala banto⁴, iorubá e jeje já complexificam esse processo do envelhecimento há tempos. Elas não estão falando de um processo que tem como margem 60 anos. É um processo que perpassa sua existência dentro de uma Casa de Santo (e fora) que envolve trocas de conhecimentos, substâncias, coisas, afetos, Axé, como um complexo existencial do que é

³ *Abiã* é uma categoria que compõe a cosmologia da hierarquia do candomblé. Epistemologicamente definido enquanto *aquele que vai nascer*. *Abiã* são aquelas pessoas que frequentam a casa de candomblé, contudo, ainda não passaram pelo rito iniciático.

⁴ É de importância a observação do fato de que não existe um "povo banto". Aquelas nações definidas enquanto "Nações Banto" ou "Nações de Angola" contemplam o culto com diversas línguas do tronco linguístico banto.

ser um "Mais Velho".

Não quero com isso colocar que na realidade das sociedades contemporâneas as categorias “velho-idoso da terceira idade” não operem, pelo contrário. Pesquisas antropológicas apontam como as pessoas com mais de 60 anos se identificam com as categorias de "velho-idoso da terceira idade" que podem ou não ser aposentados e/ou pensionistas. Entretanto, acho mais prolífico trabalhar para uma maior ampliação de sentido, pois o Candomblé existe e resiste dentro da sociedade contemporânea e enquanto teoria tem muito a contribuir nesse sentido.

Fica aqui a provocação: para que o fenômeno do envelhecimento possa ser complexificado e explorado por outros ângulos temos também que ampliar o próprio sentido do que é envelhecer e as epistemologias que estão envoltas nesse processo. Não delegando essa experiência de existência apenas a uma etapa da vida, mas ao complexo do que é estar em vida (e às vezes em morte), como nossos mais velhos têm nos ensinado.

Epílogo

Quando fui iniciada no Candomblé, descobri que minha "irmã de barco" seria uma criança de até então quatro anos: Rita de Cássia. Descobri que aquela menina iria ser a "Mais Velha do barco" e, conseqüentemente, "minha Mais Velha". Eu tomaria sua bênção, ela iria sempre a minha frente na roda de Candomblé, ela faria todos os ritos antes de mim. De início achei a situação um pouco cômica. Vivi tão mais que aquela criança. O que aquela pequena teria a acrescentar de tão imprescindível assim? Antes de sermos iniciadas, eu e Rita fomos estreitando nossos laços, criando afinidades (isso enquanto ela estava sentada no meu colo). Até que um dia, descendo as escadas da Casa de Santo para ir almoçar, eis que Rita abruptamente para, fica a minha frente, olha nos meus olhos com um semblante tranquilo e diz: "o que em você te dá medo de você?". Fiquei paralisada, sem saber o que responder àquela pergunta extremamente complexa e feita com tamanha naturalidade. Rita havia me emudecido. Ainda parada, respondi ao vento (já que Rita havia continuado andando) que muita coisa em mim ainda me dava medo. Foi nesse dia que aprendi que "minha Mais Velha" tinha muito o que me ensinar, muito mesmo. A ser mais leve, a não levar tudo a ferro e a fogo, a sorrir independente do clima e a dar flores. Rita sempre me presenteia com flores do Axé sem nenhum motivo aparente e esses, além de tantos outros ensinamentos, têm sido gratas lições aprendidas com essa “minha Mais

Velha”.

Referências:

Iyaromi Feitosa Ahualli. Mais Velha. 2018 - Set. Brasília. Distrito Federal. Brasil.

Rita de Cássia. Mais Velha. 2017 - Nov. Sobradinho II. Distrito Federal. Brasil.

Recebido em: 21/09/2018

Aceito em: 15/10/2018